

O IMPULSO NEOLIBERAL E NEOCONSERVADOR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: A IMAGEM DO “PROFESSOR DOCTRINADOR” E O PROJETO “ESCOLA SEM PARTIDO”

Dra. Carla Viviane Paulino

Universidade Federal do Mato Grosso

RESUMO: Este artigo tem por objetivo proceder à análise de discursos e de imagens produzidas por apoiadores e militantes do movimento Escola Sem Partido acerca do papel do professor, especialmente as produções que o definem como um profissional cujo objetivo é dogmatizar alunos, conduzindo-os a se identificarem com o pensamento político e filosófico marxista. Veremos que o discurso

apresentado pelos apoiadores demonstra, ao contrário do que a proposta oficial do movimento indica, posições políticas que nos remetem a ideologias conservadoras e/ou neoliberais. Por fim, analisaremos um movimento semelhante ao Escola sem Partido nos Estados Unidos, o “No doctrination”, a fim de avaliar o impacto deste na educação norte-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Escola Sem Partido; Educação; Conservadorismo.

THE NEOLIBERAL AND NEOCONSERVATORY IMPULSE IN BRAZILIAN EDUCATION: THE IMAGE OF THE "DOCTRINE TEACHER" AND THE PROJECT "SCHOOL WITHOUT PARTY"

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze discourses and images produced by supporters and militants of the No-Party School movement about the role of the teacher, especially the productions that define him as a professional whose objective is dogmatizing students, leading them to identify with Marxist political and philosophical thinking. We will see that the

discourse presented by the supporters of the movement demonstrates, contrary to what indicates the official proposal of it, political positions that refer us to conservative and / or neoliberal ideologies. Finally, we will analyze a movement similar to the No-Party School in the United States, the “No Doctrination”, in order to evaluate its impact on American education.

KEYWORDS: "Party-free Education"; Education; Conservatism.



Creio que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência, é aquele em que se treinam os alunos para práticas políticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra. Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão, mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. Minha capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.

Paulo Freire

1 APRESENTAÇÃO

Este artigo tem por objetivo proceder à análise de discursos e de imagens produzidas por apoiadores e militantes do movimento Escola Sem Partido (ESP) acerca do papel do professor, que o definem como um dogmatizador de alunos, conduzindo-os a se identificarem com o pensamento político e filosófico marxista. Veremos que o discurso dos apoiadores apresenta, ao contrário do que a proposta oficial do movimento indica, posições políticas que nos remetem a ideologias conservadoras e/ou neoliberais que apoiam o ESP, incluindo aqui partidos políticos ou representantes desses. Indo além, procuramos demonstrar que alguns movimentos políticos brasileiros que respaldam o ESP receberam suporte de algumas instituições norte-americanas ultraliberais e conservadoras.

Ciente da anuência de tais instituições e do viés conservador e neoliberal que o ESP manifesta, voltamos nosso olhar para um movimento semelhante nos Estados Unidos, chamado “No doctrination”, e estudamos seu impacto nas universidades e na sociedade, a fim de identificar os possíveis danos causados na educação daquele país.

Nosso objetivo também é demonstrar as características conservadoras e neoliberais que sustentam a base ideológica do ESP através da análise de imagens



difundidas nas redes sociais pelo próprio movimento e por simpatizantes da causa, incluindo políticos, economistas, jornalistas e empresários, as quais representam o professor como um profissional focado em doutrinar alunos à esquerda e a escola como um espaço degenerador de princípios e valores ligados a ideias neoliberais e/ou conservadoras.

As redes sociais realizam uma potente circulação de ideias e ajudam a formar valores e julgamentos sobre assuntos muitas vezes de extrema relevância, por exemplo, no caso que trata essa pesquisa, uma determinada construção sobre a imagem do professor, a difusão de ideologias políticas ou modos de se enxergar o "outro", difundidos a partir desse mundo virtual. A ascensão do movimento ESP vem demonstrando a força das redes sociais como fonte formadora de opiniões, tendo, portanto, um papel importante no processo de formação de identidades e de valores.

No que tange às imagens e às representações construídas nas redes sociais, levaremos em consideração as proposições teóricas elaboradas por Roger Chartier. Embora esse autor não trate especificamente de representações midiáticas, sua forma de perceber o campo das representações, é bastante pertinente para quem pretende realizar o tipo de pesquisa aqui proposta. Para Chartier (1990) devemos dar atenção à importância do papel das representações ao estudarmos as construções de imagens sobre o outro, e, para tal, não podemos perder de vista o fato de que não são discursos neutros, já que sempre determinadas pelo discurso dos grupos sociais que as forjam. Nesse sentido, é importante mencionar que em geral, os posts realizados e compartilhados no *Facebook* são feitos por indivíduos que criam ou são seguidores de páginas políticas, com clara afinidade com ideologias políticas de direita ou mesmo de extrema-direita, ou religiosas, sejam de vertentes evangélicas ou católicas. Assim, de fato, embora considerem e usem plenamente seu direito de liberdade de expressão e de escolha ideológico-política, esses sujeitos pretendem, como veremos, impedir que ocorra na escola o debate de ideias políticas que não represente as suas.



2 O ESCOLA SEM PARTIDO

O movimento Escola sem Partido foi idealizado pelo advogado e também Procurador do Estado de São Paulo, Miguel Nagib, cujas ideias estão sendo veiculadas através de um site desde 2004, e vem ganhando força através das redes sociais, como o *Facebook*, com dezenas de milhares de seguidores.

O movimento obteve ainda mais impulso em 2014, quando foram apresentados dois projetos de lei representando as ideias do ESP, pré-elaborados pelo próprio Miguel Nagib, e adaptados por políticos, sendo o primeiro no Estado do Rio de Janeiro, pelo deputado Flávio Bolsonaro, e, o segundo, no Município do Rio de Janeiro, pelo vereador Carlos Bolsonaro – ambos filhos do deputado federal Jair Bolsonaro. A partir daí o modelo de projeto de lei foi disponibilizado no site do ESP, tendo sido tomado por diversos políticos como referência para elaborar novos projetos de lei.

De acordo com o site do movimento, o Programa Escola sem Partido busca apresentar um conjunto de medidas previstas no já citado anteprojeto de lei elaborado pelo Movimento, que tem por objetivo inibir a prática da doutrinação política e ideológica em sala de aula e a usurpação do direito dos pais dos alunos sobre a educação moral dos seus filhos.

Para que fique clara a postura apolítica que deve supostamente ser adotada pelo professor, o projeto de lei exige que seja colado um cartaz em sala de aula com as normas previstas no projeto. As seis regras contidas nesse cartaz, a serem seguidas pelo professor, carregam várias contradições e demonstram o caráter conservador do movimento. Nele, ao mesmo tempo em que consta que diferentes ideias podem ser discutidas, desde que apresentadas com igualdade todas as vertentes, o professor deve garantir que as convicções morais da família do aluno não sejam violadas. Portanto, considerando os diferentes valores das famílias, o livre debate se torna impossível. Essa garantia de preservar valores familiares



elimina toda e qualquer possibilidade de debate, fato que nos leva a acreditar que tal regra tem exatamente esse objetivo, o de impedir a circulação, a discussão e até mesmo o acesso dos alunos a novas visões sobre temas variados, especialmente quando estes implicam reflexão sobre valores políticos, religiosos e de gênero.

No *site* do programa Escola sem Partido, na sessão "FAQ", se afirma que o projeto é 100% apartidário, afirmação que obviamente não se sustenta, tanto pela crítica ideológica seletiva divulgada em suas denúncias e em seus cartazes, quanto pelos políticos que estão apoiando o ESP, estes que, pertencentes ao PSC, PR, Novo, Democratas, PSDB e PMDB, vem trabalhando na criação de Projetos de Lei (PLs) e que buscam implantar em seus estados ou municípios o projeto de lei idealizado pelo movimento ESP¹. Ademais, também apoiam a iniciativa organizações de caráter conservador como o Movimento Contra Corrupção, do ex-ator Alexandre Frota, e o Movimento Brasil Livre (MBL), do agora vereador Fernando Holiday (DEM-SP), que recentemente realizou um patrulhamento em algumas escolas públicas de São Paulo para averiguar se havia nas aulas professores doutrinadores. Assim, foi possível verificar que a maioria dos parlamentares que respaldam o projeto estão vinculados a igrejas, simpatia facilmente compreendida, já que o projeto prevê a não intervenção da escola na educação moral e religiosa dos alunos.

Projetos de lei inspirados nesse anteprojeto já foram apresentados no Congresso Nacional e em diversas Assembleias Legislativas e Câmaras de Vereadores. De acordo com a historiadora Fernanda Pereira de Moura (2017), desde 2014, 62 projetos de lei inspirados no movimento ESP tramitaram ou tramitam no Congresso Nacional e nas casas legislativas de pelo menos 12 estados e 23 cidades do Brasil.

A esse respeito é importante mencionar que a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), do Ministério Público Federal, em 22 de julho de 2016, encaminhou ao Congresso Nacional uma nota técnica na qual aponta a inconstitucionalidade do Projeto de Lei 867/2015, que inclui o Programa Escola sem Partido entre as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Na nota



técnica, a procuradora federal dos Direitos do Cidadão, Deborah Duprat, afirmou que esse Projeto de Lei é inconstitucional, já que o Artigo 205 da Constituição Federal traz como objetivo primeiro da educação o pleno desenvolvimento das pessoas e a sua capacitação para o exercício da cidadania e da qualificação para o trabalho.

No entendimento da PFDC, o projeto usa como pretexto a defesa dos princípios de neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado para, na prática, colocar o professor sob constante vigilância, a fim de evitar que este confronte as convicções morais dos pais dos estudantes.

Ainda que até o momento o projeto seja considerado inconstitucional ou mesmo, como vimos, impossibilitado de seguir adiante pelo Supremo Tribunal Federal, como no caso de Alagoas, é preocupante o número de projetos em tramitação.

3 A IDEOLOGIA DO ESCOLA SEM PARTIDO

Não apenas no Brasil é frequente a confusão que se faz entre neoliberalismo e neoconservadorismo. Isso ocorre porque, de fato, há entre eles algumas crenças compartilhadas. De acordo com Moll (2015, p.14),

Em comum, essas concepções defendem uma ação mínima do Estado, com a redução dos gastos públicos, o fim das regulamentações à atividade econômica, a alta taxa de juros e os impostos regressivos. No entanto, ainda que partilhem de ideias comuns, apresentam suas propostas de maneira diferente. Enquanto o neoconservadorismo justifica a ação mínima do Estado a partir de um arcabouço moral, o neoliberalismo legitima o estado mínimo a partir de pressupostos racionais e pragmáticos. Além disso, divergem quanto à ampliação dos direitos civis, as liberdades individuais e a condução da política externa.

Ainda de acordo com Moll (2015, p. 52), os conservadores culpam os programas sociais liberais pela crise, tratam com grandes restrições temas como



igualdade entre as pessoas, ampla participação política e a cultura popular. Moralistas, os conservadores acreditam que a intervenção do Estado,

Com o objetivo de produzir igualdade era entendida como uma perversão contra as leis de Deus e as leis da natureza, ou seja, equivalente ao socialismo. A regulação poderia eliminar a busca pela prosperidade, estimular a preguiça, diminuir a propensão ao trabalho, minar a autoestima e acabar com a produtividade. Para esses conservadores, as tentativas de redução da desigualdade seriam uma ameaça à civilização.

Moll (2015) também ressalta que conservadorismo que se moldou ao final da década de 1950 nos Estados Unidos defendia que os programas sociais e a interferência na economia levavam o país a um igualitarismo pervertido, no qual o Estado tirava o lugar da família, da igreja e da comunidade, depreciando esses laços e favorecendo a criação de uma geração de jovens depravados, dependentes e atraídos pelas drogas, pornografia e afins, aumentando com isso a criminalidade, o que enfraquecia os Estados Unidos. Assim, há uma conexão entre um Estado totalizante e moralidade, ou a falta dela.

Para os neoconservadores, a família deve ser a única responsável pelo bem-estar e pela formação moral dos seus. Para uma boa formação, esta deve estar ligada a uma igreja e comprometida com sua comunidade. Assim, analisando as regras impostas no cartaz que o ESP busca tornar obrigatório, fica evidente o seu caráter neoconservador. O Escola sem Partido, para tornar possível a execução de seu projeto, defende e utiliza táticas coercitivas e manipuladoras com relação à imagem do professor, e incentiva a delação do educador.

Para Frigoto (2017, p.31),

A junção das teses dos arautos do fundamentalismo do mercado e do fundamentalismo religioso, se transformadas em legislação, como está correndo, constituirá o lado mais voraz da esfinge que se alastra na sociedade e não apenas na escola. Escola sem Partido avança num território que historicamente desembocou na insanidade da intolerância e da eliminação de seres humanos sob o nazismo, o fascismo e similares. Uma proposta que é absurda e letal pelo que manifesta e pelo que esconde.



O autor defende que a ESP representa os interesses do mercado e do fundamentalismo religioso. O perigo da junção entre dois elementos tão poderosos reside no fato de que estão transformando o professor e a instituição escolar em inimigos da família e dos alunos. Prova maior é o estímulo à delação destes por parte dos pais e de seus filhos, além da publicidade distribuída nas redes sociais que transformam o educador em uma espécie de monstro a ser combatido e vigiado para o bem da sociedade.

De fato, se olharmos para o passado, arruinaram sociedades o estímulo ao ódio de uma determinada parcela da sociedade, o trabalho de propaganda difundindo e arraigando esta sanha, associado ao estímulo ou dever de delação. É assustador quando pensamos que, no caso do movimento ESP, busca-se destruir o professor, figura central no processo de formação de seres humanos.

Outro forte ataque do movimento está relacionado à “ideologia de gênero” que alegam ser difundida nas escolas. Sobre esse aspecto, Penna (2015, s.p.) afirma:

Não existem defensores da “ideologia de gênero”. Existem educadores que não se negam a discutir a complexa realidade dos alunos, que é permeada também pelas relações de gênero. Os professores, as escolas e referenciais teóricos importantes para os campos educacionais são atacados não através da argumentação racional, mas de representações no qual aparecem como monstros ou vampiros que abusam e corrompem crianças inocentes, tentando transformá-los em militantes ou degenerados sexuais que só pensam em sexo.

Atrair a educação para a aceitação das diferenças ao dogma, seja ele qual for, já nos parece algo sem nenhum significado. No entanto, para o movimento ESP e políticos da bancada evangélica faz todo o sentido, uma vez que para igrejas fundamentalistas, a manutenção dos seus fiéis passa também pelo controle da sexualidade. E aos conservadores de um modo geral, sabemos que preservar a família “tradicional” com sua moral e bons costumes faz parte, ainda que muitas vezes apenas em teoria, de seu escopo de valores fundamentais.

Sobre o discurso produzido pelo ESP, Penna (2017, p.35) afirma:



O discurso do Escola sem Partido não foi devidamente enfrentado, a meu ver, desde o momento em que ele surgiu, em 2004, justamente por parecer absurdo e sem fundamentos legais para aqueles que conhecem o debate educacional, e também porque ele se espalha com muita força, não em debates acadêmicos, mas nas redes sociais. Esse discurso utiliza-se de uma linguagem próxima a do senso comum, recorrendo a dicotomias simplistas que reduzem questões complexas a falsas alternativas e valendo-se de polarizações já existentes no campo político para introduzi-las e reforça-las no campo educacional. Os *memes*, imagens acompanhadas de breves dizeres, tem uma grande importância nesse discurso simplista.

Creemos que o descuido dos intelectuais em não dar atenção ao tema vem sendo sanado, dado o grande número de publicações e debates em torno do ESP. De fato, as redes sociais têm um forte apelo imagético. E imagens, sejam elas *memes*, *gifs*, charges ou cartazes, são ferramentas eficientes para chamar a atenção do público. O ESP tem usado dessas ferramentas para espalhar as ideias do movimento e tem obtido sucesso, angariando cada vez mais seguidores e, assim, como bem observado por Frigotto (2017, p.47), vem alcançando força suficiente para invadir o espaço público pelas vontades privadas.

Na página do *Facebook* do ESP, é possível encontrar imagens como a que segue abaixo (Figura 1):





“Paulo Freire, cujo maravilhoso sistema de ensino jamais produziu um escritor, um cientista, um filósofo ou mesmo um executivo competente, limitando-se a transformar milhares de coitadinhos em igual número de coitadinhos, é o patrono de uma educação nacional que produz analfabetos funcionais em massa e cujos estudantes obtêm sempre as piores notas nos testes internacionais. Se 41 universidades deveriam ser fechadas. Paulo Freire é um sujeito oco, o tipo acabado do pseudo-intelectual militante. Sua fama baseia-se inteiramente no lucro político que os comunistas obtêm do seu método. Esse método, aliás, não passa de uma coleção de truques para reduzir a educação à doutrinação sectária. Um dia teremos vergonha de ter dado atenção a essa porcarias...” (Olavo de Carvalho).

Figura1: Imagem extraída da página oficial do Escola sem Partido no Facebook:
<https://www.facebook.com/escolasempartidooficial/photos/a.346888065462191.1073741829.336441753173489/665017213649273/?type=3&theater>

Paulo Freire era um forte defensor do livre pensamento, do acesso digno de todos a uma educação de qualidade e da habilidade que o educador deveria ter em criar condições para que os alunos desenvolvessem da forma mais ampla esse direito, especialmente aqueles destituídos de condições básicas de sobrevivência. A este respeito, é imprescindível mencionar a contribuição de Freire na educação de jovens adultos, com a criação de um método que alfabetizasse a partir de palavras que os adultos conheciam em seu cotidiano. A página do ESP do *Facebook* demonstrou, como se verifica na Figura 1, enorme incômodo com o fato de Paulo Freire ser nomeado por lei, em 2012, o patrono da educação brasileira. Nesse ponto, novamente, adentramos na política ou na postura conservadora daqueles que se incomodaram com a nomeação.



Apesar da relevância desse educador, respeitado mundialmente por sua atuação, o que importa aos críticos é sua vinculação política à esquerda. Para os neoconservadores, ele é apenas um “comunista”, como se percebe no texto da Figura 1, em que se apela ao posicionamento político de Freire para desqualificá-lo. Além disso, o rosto deformado, quase desumanizado, passa má impressão ao observador e remete, por exemplo, a imagens de judeus representadas nas propagandas feitas pela Alemanha nazista. Como se não bastasse, o texto que acompanha a imagem associa a distorção da face de Freire à sua deformação de caráter, assim como ao desvirtuamento de seu papel de educador imputado como irrelevante.

Nessa mesma linha discursiva pejorativa, Olavo de Carvalho faz perguntas absurdas sobre quem de relevância Freire teria ajudado a formar, como se o objetivo de alfabetizar agricultores fosse menos nobre. No entanto, nos perguntamos se há algo mais digno e primordial do que criar o acesso ao direito à educação para homens e mulheres agricultores do sertão nordestino. Ainda assim, a argumentação simplista cumpre seu papel, tendo por intenção destruir a imagem de Freire, associando-o ao comunismo e afirmando que seu método não teria beneficiado a educação do país. Neoconservador e neoliberal assumido, Olavo de Carvalho acredita em meritocracia. Para ele, não há mérito em alfabetizar agricultores porque não há utilidade nisso, uma vez que o mercado necessita de analfabetos para mantê-los em posições de trabalho subalternas.

Permite um passo adiante em nossa análise a imagem reproduzida na Figura 2, publicada por um seguidor da página oficial da ESP no *Facebook*. É preciso mencionar que há uma censura prévia sobre o que é divulgado na página, ou seja, por meio de filtros, selecionam-se apenas os comentários ou postagens “mais relevantes”. Entretanto, certamente em decorrência da simpatia dos moderadores para com a mensagem, esta imagem foi por eles mantida.



GOVERNO DO PT 12 ANOS PRATICANDO BULLYING IDEOLÓGICO CONTRA OS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS!!!



Figura 1 – Imagem publicada por um seguidor da página ESP.:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1197403026940245&set=p.1197403026940245&type=3&theater>>. Acesso em 02/06/2017 às 16:32.

Circulando pela internet desde 2014, nesta imagem, na qual constam, na parte superior, os dizeres “Governo do PT 12 anos”, novamente vemos os valores neoconservadores sendo reafirmados, além do ataque ao ensino público superior. Vencer por mérito próprio, destituindo do Estado qualquer papel nesse processo e valorizando o trabalho, esses eram os jovens antes do ingresso na universidade. Mas os professores os transformam em sanguessugas do Estado, em comunistas vestidos com a camiseta com a imagem de Che Guevara. Ora, se antes de ingressar na universidade esses jovens eram diferentes, onde estudaram? Em escolas que já seguiam as normas do ESP? Tiveram eles a “sorte” de terem professores conservadores e neoliberais, não doutrinadores, durante toda a sua trajetória, seja na escola pública ou particular? O mais intrigante, no entanto, é que, mesmo jovens adultos, estes continuam como tábulas rasas e serão aquilo que seus professores disserem que eles devem ser, incluindo sua posição política. A universidade também lhes retirou o patriotismo. Assim, temos praticamente todas



as características do pensamento neoconservador presentes em uma simples imagem.

Miguel Nagib, em seu perfil público, nos oferece mais uma imagem (Figura 3) reveladora sobre a posição ideológica que atacam.



Figura 3 - Imagem retirada da página pessoal de Miguel Nagib no Facebook: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=425336157671680&set=a.222885187916779.1073741827.100005858980838&type=1&theater>>. Acesso em 03/06/2017 às 12:38.

Nagib demoniza dois intelectuais de peso na educação, com posições claramente progressistas. Considera-os vampiros, sugando a capacidade de seus leitores de pensarem por si próprios, hipnotizados que estão pelos “demônios” Freire e Gramsci. A antiga estratégia de marketing político de demonizar comunistas está de volta, ou teria ela nunca deixado de existir? O fato é que para o movimento ESP a esquerda constitui o mal que deve ser aniquilado. Na imagem, o herói que elimina esses demônios na educação, que tira a vida dos que só trouxeram o mal à sociedade, tem seu nome escrito na estaca: o Escola sem Partido.



4 AS VINCULAÇÕES ENTRE PARTIDOS, INSTITUTOS NORTE-AMERICANOS E A ESP

A historiadora Katia Gerab Baggio investigou as ligações de movimentos políticos a favor do *impeachment* de Dilma Roussef com organizações norte-americanas, deixando portas entreabertas para que pudéssemos verificar conexões destas com o movimento ESP. De acordo com Baggio (2016), a *Atlas Network* — *think tank* legalmente denominado *Atlas Economic Research Foundation*, sediado em Washington, D.C. — atua, desde 1981, na defesa e propagação de concepções da direita ultraliberal, com organizações parceiras em todos os continentes.

No Brasil, segundo a historiadora, há onze organizações parceiras da *Atlas Network*, sendo três no Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP), Instituto Liberal (IL) e Instituto Millenium (Imil); três em São Paulo: Instituto de Formação de Líderes – São Paulo (IFL-SP), Instituto Liberal de São Paulo (ILISP) e Instituto Ludwig von Mises Brasil (Mises Brasil); duas em Belo Horizonte: Estudantes Pela Liberdade (EPL) e Instituto de Formação de Líderes (IFL); duas em Porto Alegre: Instituto de Estudos Empresariais (IEE) e Instituto Liberdade (IL-RS); e uma em Vitória (ES): Instituto Líderes do Amanhã.

Em sua pesquisa, Baggio notou que muitos membros estão presentes em mais de uma organização. Trata-se de empresários e profissionais de alguma forma ligados ao cenário político, como: economistas, jornalistas, cientistas políticos, juristas, entre outros, participando de forma ativa nessas organizações.

No artigo “Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política Latino-americana”, o jornalista Lee Fang relata como essas organizações se articulam para tornar realidade seus objetivos. De acordo com Fang (2017, s.p.),

A história da Atlas Network e seu profundo impacto na ideologia e no poder político nunca foi contada na íntegra. Mas os registros de suas atividades em três continentes, bem como as entrevistas com líderes libertários na América Latina, revelam o alcance de sua influência. A rede libertária, que



conseguiu alterar o poder político em diversos países, também é uma extensão tácita da política externa dos EUA – os think tanks associados à Atlas são discretamente financiados pelo Departamento de Estado e o National Endowment for Democracy (Fundação Nacional para a Democracia – NED), braço crucial do soft power norte-americano.

Fang (2017, s. p.) também afirma que o *Atlas Network* colaborou com o MBL e ofereceu formação a seus líderes:

Ao longo dos anos, a Atlas e suas fundações caritativas associadas realizaram centenas de doações para think tanks conservadores e defensores do livre mercado na América Latina, inclusive a rede que apoiou o Movimento Brasil Livre (MBL) e organizações que participaram da ofensiva libertária na Argentina, como a Fundação Pensar, um think tank da Atlas que se incorporou ao partido criado por Mauricio Macri, um homem de negócios e atual presidente do país. Os líderes do MBL e o fundador da Fundação Eléutera – um think tank neoliberal extremamente influente no cenário pós-golpe hondurenho – receberam financiamento da Atlas e fazem parte da nova geração de atores políticos que já passaram pelos seus seminários de treinamento.

Organizadas, bem treinadas e influentes, essas organizações não estão para brincadeira. Com um crescimento espantoso e apoiado por muitos personagens da direita com atuação constante nas mídias televisiva e jornalística, e com a adesão de grandes empresários, essas organizações têm lançado mão de estratégias frutíferas em seu objetivo de transformar a América Latina em um braço do ultraconservadorismo norte-americano. A este respeito, vale mencionar que Fernando Holiday, hoje vereador pelo DEM, é um forte apoiador do ESP, realizando inclusive incursões em escolas públicas da Grande São Paulo em 2017, a fim de fiscalizar se nelas havia sinais de doutrinação ideológica².

Dentre estas organizações, notamos que a mais ativa até o momento no Brasil é o Instituto Millenium — o *think tank* mais diretamente vinculado a empresas brasileiras de mídia —, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Baggio (2016). O criador do Escola sem Partido, Miguel Nagib, é ou era membro dessa organização e publicou uma série de artigos sobre educação, um deles, intitulado “Por uma escola que promova os valores do Millenium”. No entanto,



atualmente, nem Nagib e nem seu artigo aparecem no site da organização. De acordo com Renata Aquino, até pelo menos 24 de novembro de 2013, Nagib e seus artigos constavam do site do instituto, como a própria autora comprova através de uma imagem com a foto de Nagib e, ao lado desta, os títulos do artigo por ele escritos.

Renata Aquino afirma que, em abril de 2016, os artigos publicados por Nagib haviam sido desvinculados de autoria e agora eram assinados pela “Comunicação Millenium”. A autora aponta ainda que, ao buscar no site por escola sem partido, sem aspas, exibem-se doze resultados³. Entretanto, ao visitarmos a página em busca de Miguel Nagib, em 23 de agosto de 2017, havia apenas um, no qual há uma espécie de crítica a Nagib e ao movimento, descrito como um projeto fadado ao fracasso.

A possível explicação para a retirada do site dos textos de Nagib do Instituto Millenium pode ser relacionada à sua grande expressão na mídia, nas PLs julgadas com pareceres negativos pelo STF e nas críticas que recebeu, inclusive de escolas paulistanas frequentadas pela elite. Apesar de o ESP conseguir agregar um número significativo de pessoas, o movimento também suscita graves antipatias. E provocar antipatias não é um objetivo dessas organizações. Ao contrário, organizações como o Instinto Millenium não querem ter como colaboradores pessoas que provocam antipatias ou que causam polêmicas.

Baggio (2016, s. p.) também cita uma série de empresas importantes parceiras do Instituto Millenium com a Atlas Network:

Os grupos Abril e RBS (filiação à Rede Globo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul). O Grupo Estado, que publica o jornal O Estado de S. Paulo, aparecia entre os “mantenedores e parceiros” do Imil até 2016. E, entre os integrantes da “Câmara de Mantenedores”, estão João Roberto Marinho (Grupo Globo) e Nelson Sirotsky (Grupo RBS); empresários do setor financeiro — como Arminio Fraga, ex-presidente do Banco Central de 1999 a 2002, no segundo governo de Fernando Henrique Cardoso — além de outros empresários de diferentes setores da economia.



Entre os “especialistas” do Instituto Millenium, além de economistas, também estão Leandro Narloch e José Nêumanne Pinto. Segundo Baggio (2016), alguns nomes que apareciam como especialistas no site, em maio de 2016, já não constam mais: Carlos Alberto Sardenberg, Demétrio Magnoli, Denis Rosenfield e Marco Antonio Villa, todos com amplo espaço na mídia. Ainda segundo Baggio, outros nomes, como Arnaldo Jabor e Reinaldo Azevedo, colaboraram com o Instituto, com artigos e/ou participação em eventos.

Baggio (2016) acredita que muitos desses nomes tenham sido retirados do site devido à sua grande participação pela defesa do impeachment de Dilma. A nós interessa notar que muitos desses nomes citados já se manifestaram publicamente a favor do programa da ESP, como podemos comprovar no próprio site do movimento, na seção de artigos. Lá, nomes como Leandro Narloch, Marco Antonio Villa, Rodrigo Constantino surgem em artigos que defendem o ESP ou criticam governos de esquerda. Assim, pudemos verificar a relação entre o ESP, políticos e intelectuais conservadores que estão, como acabamos de demonstrar, vinculados a organizações ultraliberais norte-americanas, deixando evidente com qual projeto político, econômico e educacional pretendem colaborar.

5 MOVIMENTOS ANTI-DOCTRINAÇÃO NOS ESTADOS UNIDOS

Acreditamos que, no Brasil, ou mesmo em várias partes do mundo ocidental, um projeto de estado neoliberal e neoconservador se viabilize por meio da educação. Mas qual seria o preço a se pagar se esse projeto político-pedagógico se tornasse efetivamente uma realidade? A fim de responder essas questões, ou de obter um mero vislumbre da realidade futura que podemos enfrentar, buscamos olhar para a concepção de escola, na sociedade, que melhor representa os valores políticos neoliberais e neoconservadores: a norte-americana. Fomos então analisar dois movimentos dos Estados Unidos engajados em impedir a doutrinação nas escolas e universidades: o movimento No *Indoctrination*, o qual, segundo consta no



site do ESP, serviu de inspiração a Miguel Nagib para conceber o seu próprio movimento, e o *IndoctriNation*, movimento cristão de vertente protestante que produziu um filme com o mesmo nome para denunciar a educação pública como anticristã.

O No *indoctrination* foi criado por Luann Wright, professora de ciências em San Diego, Califórnia, ao constatar/considerar que a *Warren College*, faculdade em que seu filho estudava, praticava doutrinação esquerdista e impedia o livre pensamento daqueles que discordassem de seus professores, como era o caso de seu filho. Após tentar resolver essa questão de inúmeras formas, dirigindo-se a órgãos competentes de várias faculdades e universidades da Califórnia, sem obter êxito, Wright resolveu desenvolver o *site* em 2001, para que alunos pudessem, de forma anônima, denunciar casos de doutrinação na sala de aula. Até onde foi possível investigar, o site saiu do ar em 2017.

De acordo com o site *bohemian.com*, que entrevistou Wright em 2003, o *No Indoctrination* oferecia um fórum online para os estudantes para que pudessem denunciar professores doutrinadores. As mensagens eram anônimas, mas o nome da escola, número do curso e professor eram expostos. Após a denúncia, os professores eram notificados e podiam se defender no site. No entanto, até o ano de 2003, período em que a matéria foi publicada, segundo Wright, apenas um professor escreveu uma refutação⁴. Na convenção anual da *American Educational Research Association* em 2004, Wright (2004, s. p.) apresentou seu trabalho, em que afirma:

Apenas quando confrontada com indignação pública e pressão externa a academia parece motivada o suficiente para resolver os problemas de doutrinação e intolerância em sala de aula. A organização sem fins lucrativos *NoIndoctrination.org* foi iniciada precisamente porque a comunidade acadêmica não está a cumprir as suas próprias declarações endossadas à liberdade acadêmica e a conduta dos professores. A questão torna-se então: Quem vai controlar os abusadores? A educação das nossas futuras gerações está em jogo. A sociedade merece uma resposta.



Nota-se, nos argumentos de Wright, uma aparente busca por livre debate de ideias, portanto menos radical que o ESP. Porém, a finalidade de Wright também parece ser a de cercear a liberdade acadêmica, especialmente a de professores mais à esquerda, já que todos os exemplos oferecidos pela militante narram o abuso de professores em defender pontos de vista contra os EUA, ou a favor do Oriente Médio, ou contra o racismo (WRIGHT, 2004). Uma vez que, apesar do estrondoso sucesso no início dos anos 2000, o *site* não mais existe, na pouca documentação que pudemos encontrar, não há nenhum exemplo de professores que defendiam arduamente os republicanos, ou o patriotismo, ou o legítimo ataque ao Oriente Médio. No entanto, nossa investigação sobre o movimento demonstrou que, apesar do sucesso do movimento no início dos anos 2000 em conseguir a atenção das universidades, de acordo com Robert Ivie (2007), estas mantiveram sua postura de defesa à liberdade de expressão do professor, não alterando nenhum código de conduta relacionado ao tema. Ainda assim, pode-se imaginar a tensão sofrida pelos professores diante de um ambiente de vigilância, delação por parte dos alunos, além de exposição pública.

Já o movimento fundamentalista cristão, responsável pela produção do documentário *IndoctriNation*, assusta pela competência em produzir uma peça profissional, com clareza de objetivos e de como persuadir seu público. No *Youtube*, a apresentação do filme é a seguinte:

Seriam as escolas públicas uma "zona neutra", educacional ou um programa humanístico projetado para minar a influência da Igreja e da família? [...] Infelizmente, a maioria das crianças norte-americanas cristãs estão sendo discipuladas diariamente por secularistas pró escolha, ateus evolucionistas, burocratas politizados, cooperativas de extrema esquerda e muitas vezes até mesmo molestadores de criança. [...] este filme adverte os cristãos sobre a natureza subversiva e anticristã do sistema de ensino americano e convida todos os cristãos a participar de um êxodo em massa de educação do governo para o bem de seus filhos e o futuro da América⁵ (2012).

O documentário *Doutrinação: as escolas públicas e o declínio do cristianismo*, dirigido por Colin Gunn, retrata a experiência de Gunn, sua esposa e seus sete



filhos, em uma viagem de ônibus pelos Estados Unidos com o objetivo de comprovar, por meio de depoimentos de pais e alunos cristãos, a doutrinação anticristã na educação pública americana. O projeto foi financiado por diversas organizações *homeschool* cristãs, incluindo Sistema da *Christian Liberty Academy School* e *Exodus Mandate*, de acordo com o site do filme⁶. Tendencioso, como todos os movimentos que patrulham as escolas e os professores, o objetivo do filme é atingir a camada mais devota dos Estados Unidos, a fim de promover um verdadeiro combate contra o pensamento laico e liberal.

Apesar da ocorrência de um número expressivo de documentários e de movimentos nos Estados Unidos que buscam combater a doutrinação nas escolas e que associam tal doutrinação à esquerda ou aos liberais, Neil Gross, sociólogo e professor da *New York University*, afirma que pesquisas demonstram que a universidade não transforma conservadores em liberais, ou religiosos em ateus.

Gross (2012) alega que, de fato, há muitos liberais entre a classe de professores, e que o ceticismo religioso é comum na academia. Em parceria com Solomon Simmons, envolvendo acadêmicos em quase todos os campos e em instituições, de faculdades comunitárias a universidades de elite, a pesquisa realizada em 2006 com mais de 1400 professores constatou que cerca de metade dos professores se identificavam como liberais, em comparação com apenas um em cada cinco norte-americanos. Entre os cientistas sociais, por exemplo, havia 10 democratas para cada republicano. Embora a maioria dos professores admitissem acreditar em Deus, vinte por cento eram ateus ou agnósticos – em comparação com apenas quatro por cento da população estadunidense.

No entanto, frequentar uma faculdade não torna uma pessoa liberal. Segundo Gross (2012, s. p.),

Ao contrário da retórica conservadora, estudos mostram que ir para a faculdade não torna os alunos substancialmente mais liberais. O cientista político Mack Mariani e o pesquisador ensino superior Gordon Hewitt analisou mudanças nas atitudes políticas de estudantes entre os seus calouros em 38 faculdades e universidades, de 1999 a 2003. Eles descobriram que, em média, os estudantes mudaram um pouco para a



esquerda - mas que estas mudanças se assemelhavam com as mudanças experimentadas pela maioria dos americanos entre as idades de 18 e 24 anos durante o mesmo período de tempo. Além disso, eles descobriram que os estudantes não eram mais propensos a ir para a esquerda nas escolas com faculdades mais liberais.

Tais pesquisas desmontam, portanto, a suposta associação feita nos Estados Unidos acerca do poder de doutrinação ideológica dos professores. Infelizmente, até o momento, não foram realizadas pesquisas semelhantes no Brasil.

Ao se refletir sobre as razões que levam à crença de que as universidades promovem uma doutrinação à esquerda e o ateísmo, Gross (2012, s. p.) afirma que:

A principal razão para este desenvolvimento é que atacar professores liberais como elitistas serve a um propósito vital. Ele ajuda a posicionar o movimento conservador como um empreendimento populista, identificando uma elite predatória a que o conservadorismo se opõe – uma tarefa de outra maneira difícil para um movimento fortemente apoiado pelos detentores do poder econômico.

Inspirado por um movimento norte-americano, o Escola sem Partido tira proveito essencialmente de um conservadorismo que supera seus principais representantes no mundo. Nem mesmo os norte-americanos, como vimos, foram tão longe, a ponto de querer transformar em lei o cerceamento da liberdade de ensinar e de debater. Como vários autores já demonstraram, as raízes ideológicas do movimento estão postas, sendo perigosas as consequências futuras caso esse movimento não seja desacreditado. O viés fascista, que desmoraliza, demoniza e desacredita o professor não pode mais ser aceito, se quisermos preservar o Estado Democrático de Direito e a educação. As instituições ultraliberais e ultraconservadoras que apoiam a direita brasileira não irão abandonar seu propósito de ampliar sua zona de influência. Tais organizações privadas hoje investem na América Latina tão ou mais que o governo norte-americano, que, como sabemos, teve um papel fundamental não apenas na viabilização da ditadura militar no Brasil e em outros países da América Latina.



Acreditamos que a partir da conscientização do sistema de valores e de interesses por trás dessa concepção, profundamente política, moralista e carregada de interesses econômicos, poderemos, como educadores, desvitalizar esse projeto tenebroso.

¹ Para conferir ideias, Projeto de Lei dos ESP, artigos postados e demais informações contidas nesse artigo sobre ESP, acesse:

<<https://www.programaescolasempartido.org/pl-federal>>;

<<https://www.programaescolasempartido.org/anteprojeto-estadual>>;

<<https://www.programaescolasempartido.org/municipal>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

² Cf: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,vereador-fernando-holiday-faz-blitz-em-escolas-para-verificar-doutrinação,70001726796>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

³ Cf:<<http://www.institutomillennium.org.br/blog/educadores-reagem-escola-sem-partido/>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

⁴

Cf:<<https://www.bohemian.com/northbay/noindoctrinationorg/Content?oid=2178716>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁵ Cf: <<https://www.youtube.com/watch?v=4or2qdyxsSA>>. Acesso em: 03 jan. 2018. Tradução da autora.

⁶ Cf: <<http://indoctrinationmovie.com>>.



REFERÊNCIAS

Referências bibliográficas

AQUINO, Renata. “A ideologia do Escola sem Partido. 29 de abril de 2016. **Movimento Liberdade para educar**. Disponível em: <<https://liberdadeparaensinar.wordpress.com/2016/04/24/a-ideologia-do-escola-sem-partido/>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

ÁVILA, Arthur Lima. A quem pertence o passado norte-americano? A controvérsia sobre os National History Standards nos Estados Unidos (1994-1996). **Anos 90**, vl.22 n.41, 2015. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/51290>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

BAGGIO, Katia Gerab. “Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas”. In: **Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC**. 2016, Campo Grande, MS.

CHARTIER, Roger. **A história Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertland Brasil, 1990.

CRISTALDO, Heloisa. MPF diz que Escola sem Partido é inconstitucional e impede o pluralismo. **AgênciaBrasil**, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-07/mpf-diz-que-escola-sem-partido-e-insconstitucional-e-impede-o-pluralismo>>. Acesso em: 13 ago. 2016.

FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino americana. **The Intercept Brasil**, 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, n° 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

GROSS, Neil. The indoctrination myth. **The New York Times**, 2012. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2012/03/04/opinion/sunday/college-doesnt-make-you-liberal.html>>. Acesso em: 10 maio 2017.

LAZENDORFER, Joy. noindoctrination.org. **Bohemian.com**, 2003. Disponível em: <<https://www.bohemian.com/northbay/noindoctrinationorg/Content?oid=2178716>>. Acesso em: 19 dez. 2017.



MOLL, Roberto Neto. **Imaginando o "outro" e a nação nas relações internacionais: Commentary Magazine, The New Republic e o intervencionismo dos Estados Unidos na e El Salvador (1977-1992)**. Tese. UNICAMP/UNIFESP/PUC-SP. 2015.

MOURA, Fernanda. P. de. **“Escola Sem Partido”: relações entre Estado, educação e religião e os impactos no ensino de história**. 189 f. Dissertação – (Mestrado Profissional em Ensino de História). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PENNA, Fernando. O ódio aos professores. **Movimento Liberdade para educar**, 2015. Disponível em: <<https://liberdadeparaensinar.wordpress.com/2015/09/18/o-odio-aos-professores/>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

WRIGHT, Luann. Academic Freedom in the Classroom: When "Freedom" Becomes "License". **American Educational Research Association**, 2004. Disponível em: <<http://www.leaderu.com/university/acadlicense.html>>. Acesso em: 15 maio 2018.

Referência filmica

IndoctriNation: Public Schools and the decline of Christianity in América. Direção: Joaquin Fernandez. Carolina do Norte, The lighthouse Video and graphics, 2012. DVD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4or2qdyxsSA>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

Recebido em: 23/01/2018
Aprovado em: 26/07/2018

